



PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA: DIÁLOGOS, MÚSICA E ESPAÇO VIVIDO

Gabriel Alexandre Oliveira Ramos ¹
Geisedrielly Castro dos Santos ²

RESUMO

No âmbito do PIBID, a experiência foi realizada no Centro de Excelência Professor João Costa, localizado no bairro Getúlio Vargas, na cidade de Aracaju, em Sergipe, com turmas de 3º ano do Ensino Médio (D e E). O objetivo foi estimular uma reflexão crítica sobre a Geografia Urbana a partir da rotina dos estudantes. A atividade foi organizada da seguinte forma: promoveu-se uma roda de conversa e debate sobre Geografia Urbana, destacando conceitos-chave e suas correlações com o cotidiano, o que despertou o interesse dos alunos em relatar vivências, bairros e subjetividades. Em seguida, os estudantes disputaram o lugar de fala para compartilhar características e problemáticas de seus bairros, entaves urbanos, deslocamentos diários até a escola, bem como as cidades de origem e os motivos do deslocamento para a região urbana, geralmente ligados a decisões familiares em busca de melhores condições de vida. Na etapa seguinte, exibiu-se o videoclipe *A Cidade*, de Chico Science & Nação Zumbi, como recurso para aprofundar a reflexão. Após a exibição, os discentes destacaram trechos da letra e cenas que evidenciavam desigualdades sociais, contradições, injustiças e impactos ambientais decorrentes de uma legislação urbana permissiva. Para sistematizar as ideias, construiu-se coletivamente uma nuvem de palavras no quadro, com “Urbanização” centralizada em destaque e conectada, por meio de setas, a termos-chave como “desigualdade”, “transporte”, “ocupação irregular” e “infraestrutura”. Por fim, refletiu-se coletivamente sobre o espaço urbano enquanto produto histórico e social, marcado por relações de poder, conflitos e resistências. Do ponto de vista teórico-metodológico, a prática dialogou com Vasconcellos (2000) e Freire (1996), utilizando metodologias participativas que valorizaram as experiências e percepções dos estudantes. O resultado foi uma aprendizagem significativa, pautada no diálogo e na construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Aprendizagem, Cotidiano, Urbanização.

INTRODUÇÃO

A disciplina Geografia exerce papel fundamental na formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e intervir na realidade em que vivem. Ao possibilitar a leitura do espaço em suas múltiplas dimensões (natural, social, econômica, política e cultural) contribui para a construção de uma consciência cidadã que ultrapassa a simples memorização de conteúdos, promovendo a reflexão sobre o mundo e sobre o lugar que nele ocupamos.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, geogabriel04@gmail.com;

² Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal - UFS, geise.castrosantos@academico.ufs.br.



Parafraseando Cholley (1942), conhecer o meio em que vivemos é uma necessidade do espírito humano; desse modo, a Geografia assume a responsabilidade de fornecer instrumentos que permitam aos indivíduos interpretar as dinâmicas espaciais e agir com maior lucidez e segurança em suas decisões cotidianas. Trata-se, portanto, de uma ciência que, ao articular conhecimento e experiência, fortalece a capacidade de leitura crítica do espaço e o compromisso ético com o respeito e a transformação do mundo.

No ensino médio, o estudante alcança um nível de maturidade intelectual que lhe permite desenvolver um olhar espacial mais apurado e analítico sobre a realidade em que está inserido (Oliveira, 2017). É nesse momento da formação que a Geografia, com seu consistente arcabouço teórico-metodológico, favorece a construção de uma consciência crítica e cidadã, ao estimular a compreensão das inter-relações entre sociedade e natureza. Nessa perspectiva, compreender o espaço torna-se essencial, pois, conforme aponta Straforini (2018), as dinâmicas espaciais adquirem um papel central no atual estágio da globalização, caracterizado por intensas transformações de ordem técnica, científica e informacional.

A experiência aqui relatada foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Centro de Excelência Professor João Costa, localizado no bairro Getúlio Vargas, em Aracaju (SE), com turmas do 3º ano do Ensino Médio (D e E). A proposta surgiu da necessidade de aproximar os conteúdos de Geografia e, neste caso em específico, da Geografia Urbana, das vivências cotidianas dos estudantes, superando práticas abstratas e descoladas da realidade concreta. Tal perspectiva converge com a consolidação de um movimento de mobilização para o conhecimento, tarefa pedagógica arduamente defendida por Vasconcellos (1992), ao compreender o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem e coautor na construção do saber — saber este que, no caso, está implicado ao saber geográfico.

Uma educação significativa deve partir das condições concretas de existência e para isto, o educador, enquanto articulador e coordenador do processo, precisa ter um bom conhecimento da realidade com a qual vai trabalhar: alunos, escola, comunidade, sociedade, assim como a ciência que vai ministrar. Não se trata de conhecer a "vida íntima" de cada aluno, membro da comunidade, etc., mas de apreender suas principais características, seus determinantes. Com relação aos alunos, é importante que conheça suas necessidades, interesses, representações, valores, experiências, expectativas, problemas que se colocam, etc., como forma de ter pontos de articulação com o conhecimento a ser construído. (Vasconcellos, 2000, p. 6).

Dessa forma, o trabalho buscou instaurar um ambiente de diálogo e escuta ativa, valorizando as experiências dos discentes e o modo como percebem e vivem a cidade.





É imprescindível destacar, também, a aproximação com o espaço escolar proporcionada pelo PIBID. As (des)conexões entre as instituições formadoras de professores e o chão da escola demandam um olhar mais atento, uma vez que a articulação entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento da experiência se fortalece quando os discentes dos cursos de licenciatura percebem, por si próprios, essas lacunas e se tornam agentes propositores no processo educativo. Essa vivência possibilita a mediação de práticas pedagógicas que valorizam a bagagem prévia dos alunos e fomentam discussões a partir de suas distintas realidades, aproximando o ensino da vida e conferindo sentido formativo ao fazer docente.

O ensino da Geografia Urbana, quando ancorado em metodologias dialógicas e contextualizadas, possibilita aos estudantes compreenderem as cidades como construções históricas, sociais e políticas. A cidade, como objeto de estudo e de vivência, é atravessada por desigualdades socioeconômicas, dinâmicas de exclusão e processos de fragmentação espacial que expressam as contradições do modo de produção capitalista e as disputas de poder e de apropriação do espaço. Nesse sentido, a cidade constitui um verdadeiro palco de múltiplos atores, como pessoas, instituições e empresas, que nela coexistem e interagem segundo ritmos distintos. Inspirando-se em Santos (2002), compreende-se que o espaço urbano é perpassado por diferentes temporalidades sociais, onde o tempo rápido corresponde à dinâmica das firmas e instituições hegemônicas, enquanto o tempo lento se refere às práticas dos sujeitos e economias subalternizadas. Essa coexistência de tempos e atores revela que a materialidade urbana não é homogênea, mas resultado de relações complexas e desiguais que definem quem ocupa, transforma e usufrui o espaço. O estudo do urbano, portanto, não deve restringir-se à descrição de suas formas ou funções, mas buscar compreender as relações e conflitos que moldam o território e as práticas espaciais cotidianas.

Partindo dessa compreensão, a Geografia no contexto escolar deve ser concebida como um campo de produção de sentidos, em que o aluno possa reconhecer-se como sujeito espacial e participante ativo na construção do espaço vivido. Para Freire (1996), ensinar exige escuta e diálogo, e o ato educativo deve partir da realidade concreta do educando, de suas experiências e de suas leituras do mundo.

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (Freire, 1996, p. 15).





Nesse sentido, a prática pedagógica proposta no âmbito do PIBID fundamenta-se em uma pedagogia crítica, que entende o conhecimento geográfico como instrumento de conscientização e transformação social. Desse modo, o ensino da Geografia Urbana ultrapassa o caráter meramente informativo, assumindo uma dimensão emancipadora, capaz de formar sujeitos conscientes das contradições do espaço urbano e comprometidos com sua transformação.

A Medida Provisória nº 746/2016, posteriormente convertida na Lei nº 13.415/2017, que instituiu a implementação de escolas de ensino médio em tempo integral, gesta um cenário de constantes flutuações e desafios no que se refere à organização e ao funcionamento da educação no território brasileiro. Nesse contexto, destaca-se que o espaço onde as práticas aqui relatadas foram desenvolvidas corresponde a uma escola de ensino integral que, diferentemente de muitas realidades educacionais do país, dispõe de um ambiente privilegiado, com estrutura física adequada, como salas climatizadas, laboratórios, biblioteca e recursos materiais diversos, além de um corpo docente engajado e aberto à construção coletiva de propostas pedagógicas. Essa conjuntura contribui para contornar parte dos entraves que emergiram com a implementação do ensino médio integral e favorece a consolidação de um ambiente escolar dinâmico, afetivo e formativo. Nessa perspectiva, o ensino médio, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), cumpre sua finalidade ao promover o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental (Silva, 2017), consolidando competências cognitivas, sociais e éticas que sustentam o desenvolvimento integral do estudante.

A metodologia adotada baseou-se em práticas participativas e dialógicas, estruturadas em etapas que envolveram rodas de conversa e debates sobre os conceitos de Geografia Urbana, análise do videoclipe “A Cidade”, de Chico Science & Nação Zumbi, e a construção coletiva de uma nuvem de palavras. Durante essas etapas, os estudantes foram estimulados a mencionar e discutir as dinâmicas específicas observadas na paisagem urbana dos diferentes contextos em que estão inseridos, reconhecendo nelas os processos de segregação, mobilidade, uso e apropriação do espaço. Essas ações possibilitaram aos estudantes relacionar teoria e prática, conteúdo e vivência, compreendendo-se como sujeitos que vivenciam e produzem o espaço.

Ainda no que se refere à dimensão didático-pedagógica, alinhada à ludicidade, torna-se essencial valorizar a utilização de recursos capazes de fomentar, no aluno, a articulação entre seu cotidiano e o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, este trabalho se debruçou sobre a análise de um videoclipe, utilizado como recurso didático para potencializar





as percepções dos estudantes acerca dos fenômenos urbanos, por meio da combinação entre sons e imagens que expressam múltiplas dimensões do espaço da cidade. “[...] prática cultural que está presente em muitas situações e lugares do dia a dia das pessoas, sendo que os jovens escolares apreciam muito esta linguagem” (Portugal *et al.*, 2019, p. 5).

Os resultados evidenciaram o fortalecimento da consciência crítica dos estudantes e o reconhecimento da cidade como espaço de contradições, mas também de (im)possibilidades. O diálogo e a ludicidade mostraram-se ferramentas eficazes para articular o conhecimento científico à realidade vivida, reafirmando o potencial transformador da Geografia como ciência e prática educativa, bem como a urgência por práticas pedagógicas sensíveis às subjetividades dos estudantes, que valorizem suas experiências, percepções e afetos na construção do conhecimento.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, inspirada nos pressupostos de Freire (1996) e Vasconcellos (2000), sobretudo em seus aportes sobre a dialogicidade como princípio que subverte o ensino tradicional e promove a construção coletiva do conhecimento. De natureza descritiva e interpretativa, a proposta foi voltada à análise de uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). As ações foram realizadas com turmas do 3º ano D e E do Ensino Médio, em um contexto de introdução de novos conteúdos, representando o primeiro contato dos estudantes com o tema da Geografia Urbana no semestre letivo.

Nesse sentido, a inerência da abordagem qualitativa ao momento didático proposto se justifica pela sua capacidade de compreender a realidade a partir das interpretações e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Conforme aponta Aguiar (2013), essa perspectiva busca entender a forma como as pessoas dão sentido às suas vidas, bem como os motivos pelos quais interpretam determinados fatos de uma ou de outra maneira.

O público participante foi composto por estudantes com idades entre 16 e 18 anos, inseridos em uma escola pública de ensino integral. As atividades ocorreram em sala de aula, sob o acompanhamento da professora de Geografia efetiva da instituição, que também atuava como supervisora responsável pelos pibidianos bolsistas.

No prosseguir do desenvolvimento metodológico, o trabalho estruturou-se em três etapas principais. A primeira consistiu em uma roda de conversa e debate conceitual, que





buscou explorar as percepções iniciais dos estudantes sobre o tema urbanização e o espaço da cidade. Em seguida, foi destacada a incidência do tema no cotidiano e introduzidos conceitos-chave relacionados à desigualdade, infraestrutura, mobilidade e exclusão socioespacial, sempre estabelecendo conexões com o dia a dia dos discentes e incentivando sua participação ativa.

A segunda etapa teve caráter lúdico e reflexivo, ao utilizar a música como recurso didático interdisciplinar. O videoclipe foi exibido em sala e, em seguida, analisado coletivamente, a partir da identificação de trechos e imagens que expressassem contradições, desigualdades sociais, impactos ambientais e dimensões simbólicas do urbano. A proposta possibilitou ampliar o olhar sobre o espaço da cidade, permitindo que os alunos associassem a crítica poética presente na música à realidade de seus próprios bairros e trajetos cotidianos.

Na etapa final, os estudantes foram convidados a construir, de forma colaborativa, uma nuvem de palavras no quadro, centralizada pelo termo “Urbanização” e conectada a expressões escolhidas coletivamente. Essa sistematização possibilitou sintetizar os conceitos discutidos e visualizar as relações entre teoria, prática e vivência.

A atividade final proposta surgiu com o intuito de instigar a participação dos alunos e promover uma revisão sistemática de tudo o que foi discutido durante a aula. Cada estudante pôde contribuir com uma palavra de sua escolha para ser destacada no quadro.

Essa dinâmica favoreceu a interação e o exercício de pensar e repensar o que havia sido debatido, unindo linguagem e comunicação como instrumentos de síntese e expressão do conhecimento.

O processo de aprendizagem não é visto como a substituição das velhas concepções, que o indivíduo já possui antes do processo de ensino, pelos novos conceitos científicos, mas como a negociação de novos significados num espaço comunicativo no qual há o encontro entre diferentes perspectivas culturais, num processo de crescimento mútuo. As interações discursivas são consideradas como constituintes do processo de construção de significados (Mortimer, 2002, p. 284).

No que se refere à nuvem de palavras, não foi necessária a utilização de recursos tecnológicos específicos, como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), para a consolidação da atividade prática. O quadro branco e um marcador foram suficientes para a construção coletiva, permitindo que a ênfase recaísse sobre o diálogo, a troca de ideias e a interação direta entre os participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os resultados obtidos a partir da prática revelaram a potência do diálogo e da ludicidade como instrumentos de mediação no ensino de Geografia Urbana. As discussões permitiram aos estudantes refletir criticamente sobre as desigualdades, contradições e ritmos que compõem a vida nas cidades, articulando teoria e vivência cotidiana. O uso da música e do videoclipe “A Cidade”, de Chico Science & Nação Zumbi, mostrou-se um recurso eficaz para despertar o olhar sensível dos discentes sobre as dinâmicas urbanas, tornando o aprendizado mais significativo e próximo de suas realidades.

Figura 1: momento de exibição do videoclipe



Fonte: acervo do autor (2025)

Nesse sentido, faz-se necessário destacar um determinado trecho da música *A Cidade*, que chamou a atenção dos alunos de ambas as turmas:

A cidade não para, a cidade só cresce

O de cima sobe e o de baixo desce

A cidade não para, a cidade só cresce

O de cima sobe e o de baixo desce

(Science, 1994)

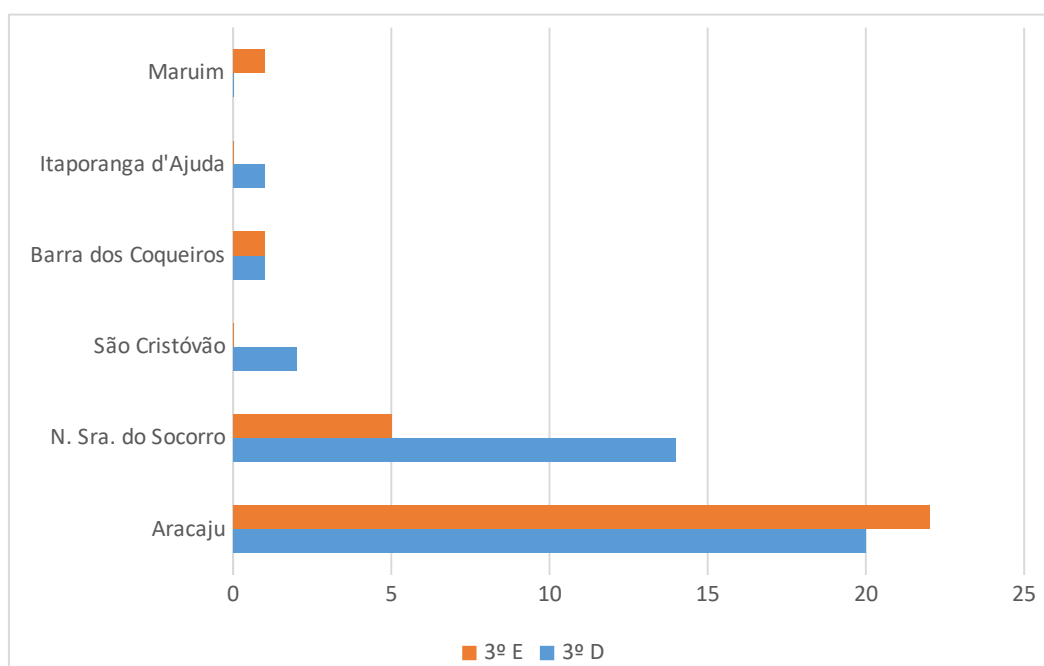




Ao discutirem o verso supracitado, os estudantes demonstraram sensibilidade ao reconhecer as contradições expressas na letra. Alguns apontaram que o crescimento urbano nem sempre representa melhoria na qualidade de vida, destacando que “a cidade cresce para uns, mas aperta para outros”. Outros relacionaram o “de cima” aos bairros mais estruturados e o “de baixo” às periferias que sofrem com a falta de saneamento, transporte e oportunidades. Houve ainda quem observasse que “a cidade nunca dorme”, refletindo sobre o ritmo acelerado da vida urbana e a desigual distribuição do tempo e do espaço entre diferentes grupos sociais. Esses apontamentos evidenciam a capacidade dos alunos de interpretar criticamente as relações de poder e desigualdade que estruturam o espaço urbano.

A análise da origem dos estudantes, representada no Gráfico 1, evidencia a predominância de alunos residentes em Aracaju, além de uma parcela significativa oriunda de Nossa Senhora do Socorro. Essa configuração revela a mobilidade cotidiana típica da Região Metropolitana e as diferentes realidades vivenciadas, reforçando a necessidade de compreender a urbanização como um processo dinâmico e desigual.

Gráfico 1: Distribuição dos estudantes por município de residência (3º D e 3º E)



Fonte: elaboração do autor (2025)

Outro ponto bastante mencionado pelos alunos foi um trecho do videoclipe em que ocorre uma sequência de imagens nas quais se observa um mangue e um caranguejeiro. À



medida que a câmera se aproxima dos olhos do caranguejo, a paisagem natural é sobreposta pela imagem de grandes prédios, espelhados em seu olhar. Essa passagem evidencia a tensão entre o ambiente natural e o urbano, refletindo o choque entre o mangue, símbolo de resistência, e a verticalização da cidade, expressão do progresso excludente. Alguns estudantes interpretaram essa cena como uma metáfora da forma como a natureza é constantemente engolida pela expansão urbana, enquanto outros destacaram o olhar do caranguejo como uma “testemunha silenciosa” das desigualdades e transformações impostas ao espaço (Figura 2).

Figura 2: print do videoclipe “A Cidade”



Fonte: YouTube, 2009

Na etapa de encerramento, os estudantes sintetizaram coletivamente as discussões por meio da construção de uma nuvem de palavras no quadro, atividade que materializou visualmente as principais ideias debatidas em aula. O termo “urbanização” foi posicionado no centro e conectado, por meio de setas, a palavras e expressões escolhidas coletivamente, como “desigualdade”, “transporte”, “ocupação irregular”, “infraestrutura” e “violência”, entre outras, escolhas fundamentadas na compreensão individual de cada aluno sobre os temas trabalhados.





Figura 3. construção da nuvem de palavras



Fonte: acervo do autor (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID reafirmou o papel da Geografia como disciplina essencial na articulação entre o conhecimento científico e as vivências cotidianas dos estudantes, fortalecendo a formação crítica e cidadã. O trabalho alcançou seu objetivo ao promover reflexões sobre a cidade enquanto construção histórica e social, marcada por contradições e desigualdades. A análise da música *A Cidade*, de Chico Science & Nação Zumbi, e a construção coletiva da nuvem de palavras possibilitaram ressignificar conceitos da Geografia Urbana a partir das experiências territoriais dos alunos.

Os resultados demonstram que metodologias dialógicas, participativas e lúdicas favorecem aprendizagens significativas, especialmente quando conectadas à realidade concreta dos sujeitos. Além disso, reforçam a importância do PIBID como política pública de formação docente que aproxima universidade e escola e estimula práticas reflexivas e transformadoras.

A experiência se mostra relevante tanto para o contexto escolar quanto para o campo científico, ao contribuir para a consolidação de metodologias mais sensíveis às subjetividades e dinâmicas socioespaciais dos educandos. Recomenda-se o aprofundamento de pesquisas que integrem arte, cultura e território no ensino de Geografia, fortalecendo o compromisso da disciplina com a transformação social e a emancipação humana.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, Edinalva Padre. O ensinado, o aprendido: a educação histórica e a consciência histórica. 2013.

AMBROSETTI, Neusa Banhara et al. Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores: o olhar dos estudantes. **Educação em perspectiva, Viçosa**, v. 4, n. 1, p. 151-174, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 05 out. 2025.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **A cidade**. Da Lama ao Caos. Produção de Trattoria. Direção de Guilherme Ramalho, 1994. Videoclipe (4 min 47 s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kFR2QS2WOqQ>. Acesso em: 4 out. 2025.

CHOLLEY, André. *Guide de l'étudiant en géographie*. FeniXX, 1942.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos avançados**, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018.

DA SILVA CZERNISZ, Eliane Cleide; PIO, Camila Aparecida. Ensino médio integral: desafios e perspectivas. **Revista NUPEM**, v. 9, n. 17, p. 60-71, 2017.

DE OLIVEIRA, Anderson Matheus André. O ensino de Geografia no Ensino Médio: uma problematização. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1996.

GAWRYSZEWSKI, Bruno. Tempo integral: mais uma solução para o ensino médio?. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 18, n. 3, p. 826-843, 2018.

MORTIMER, Eduardo F.; SCOTT, Phil. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. **Investigações em ensino de ciências**, v. 7, n. 3, p. 283-306, 2002.

PORTUGAL, Jussara Fraga et al. ENTRE SONS E IMAGENS: ENSINO DE GEOGRAFIA E LINGUAGENS. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 2355-2366, 2019.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e cultura**, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.





VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC. Brasília**, v. 21, n. 83, p. 28-55, 1992.

